



## Sato: memórias indelévels

**T**enho a lembrança fresca de alguns meses atrás, quando enfim tentei um contato com o ídolo. Um grande amigo conseguiu o número e me faria ligar: já me antecipei com aquela admiração e voz trêmula. Tive, naquela hora, meu olhar de menino mais evidente. E na verdade não sabíamos ao certo se era ou não quem queríamos. E com a devida coragem, me arrisquei. Liguei. Do outro lado uma voz experiente, altaneira, séria e vivida. No peito, uma estrela se acenderia e, no tranco, perguntei se havia jogado no XV. Veio a confirmação. E foi assim o início da amizade com um dos

**Sato nos deu a  
sensação de  
eternidade.  
Obrigado,  
campeão**

maiores ídolos do XV: Luiz Satto Júnior, o nosso Sato dos Campeonatos de 1947, 48 e 49.

Dignamente laureado pelos feitos quinzistas, Sato contou algumas vezes de sua comção ao receber a tal ligação. Era para ser homenageado na companhia de outros amigos das antigas. Nas outras vezes, não mais em nome do XV, as histórias foram ficando mais humorísticas, ácidas e surpreendentes — como a que seu pai o fez recusar uma proposta do Corinthians —, mas sem jamais perder o respeito pelo lado humano (que tanto se perdeu com as mediocridades esportivas atuais). Todas his-

tórias de vida que, em grande parte dela, Sato viveu na cidade de Sorocaba, onde é considerado homem de exímio respeito, especialmente pela comunidade oriental daquela cidade. E a grande preocupação de Sato por essas terras era sempre como estava a “gloriosa” Esalq, onde passou os seus anos de graduação nos anos 40 e atuou pela A.A. Luiz de Queiroz.

Mesmo se dizendo ruim de memória, nos surpreendia ao se lembrar de estatísticas antigas: jogos, tentos, artilharia, escretas e tudo o que pudesse envolver o XV. Era tão aficcionado pelo nosso zebrado que, conforme prometido no ano anterior à volta para a Divisão Especial, iria assistir a estreia. Cumpriu. Ainda fez questão de descer e cumprimentar alguns jogadores e diretores que logo o reverenciaram.

Quis o destino que Sato marcasse o primeiro tento na inauguração do estádio do nosso maior rival: a outra, de Campinas. Quis também que fosse absoluto titular nas conquistas de 47 e 48, consagrando seus arremates, escapadas, assistências e precisos passes. Soube jogar com a bola no pé e, mesmo em um tempo não tão tático, se destacava pelo posicionamento inteligente.

Hoje e sempre, o olhar de menino mareja. Vê que o sopro da vida não segue regras e nem escolhe entre o bem e o mau. Por dentro, uma verdadeira festa: com a sabedoria do oriente, Sato nos deu a sensação de eternidade. Obrigado, campeão.

*RUI KLEINER é músico, pesquisador e um apaixonado pelo XV e Piracicaba*